



“Que é, pois, o tempo?” (Santo Agostinho)



Olga de Sá



### **RESUMO**

O artigo rastreia alguns percursos do conceito de tempo, desde os gregos até a filosofia moderna, refletindo sobre sua possível relação com a existência humana.



### **PALAVRA-CHAVE**

Tempo - filosofia grega - filosofia moderna - tragédia grega



## ABSTRACT

El artículo indaga algunos trayectos del concepto de tiempo, desde los griegos hasta la filosofía moderna, reflexionando sobre su posible relación con la existencia humana.



## KEYWORDS

Tiempo - filosofía griega - filosofía moderna - tragedia griega.

Todos conhecem a célebre constatação de Santo Agostinho, expressa em **As confissões**: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.” (1964, XI, 14, 17) Portanto, é um saber que só se tem antes de se pensar nisso. O tempo é identificado, por Agostinho, com a própria vida da alma ou do espírito, que se estende para o passado ou para o futuro. Ele diz:

Mas como o futuro, que ainda não existe, pode diminuir ou esgotar-se? Como o passado que não existe mais pode aumentar, senão porque no espírito, autor dessas transformações, se realizam três ações: o espírito espera, está atento e se recorda. O objeto de sua espera passa pela atenção e se transforma em lembrança. Com efeito: quem ousará negar que o futuro ainda não existe? Contudo, a espera do futuro já está no espírito. E quem poderá contestar que o passado já não existe? Contudo, a lembrança do passado ainda está no espírito.

Enfim, haverá alguém que negue que o presente carece de duração, porque é um instante que passa? Contudo, perdura a atenção, pela qual o que vai ser objeto tende a deixar de existir (AGOSTINHO, 1964, XI, 28, 1)

Agostinho questiona a afirmação costumeira de que existem três tempos:

Mas o que agora parece claro e manifesto é que nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade, que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais certo dizer-se: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança. (AGOSTINHO, 1964, XI, 20, 1)

Ao tempo, como ordem mensurável do movimento, vincula-se, na Grécia, o conceito cíclico da vida humana e do mundo e, modernamente, o conceito científico do tempo. A concepção aristotélica é a expressão antiga mais perfeita dessa concepção: “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois.” (in ABBAGNANO, 2000, verbete *tempo*).

Os gregos arcaicos pareciam acreditar que as diversas “partes” do tempo (dias e horas) possuíam diferentes atributos, que favorecessem, particularmente alguma atividade dos homens. Esses “tempos” modificavam os homens em seus afazeres cotidianos, de modo íntimo e profundo. Submetiam o espírito dos seres humanos ao seu caráter fasto ou nefasto. No poema de Hesíodo, a **Teogonia**, a concepção temporal não se expressa segundo o princípio cronológico do antes-e-depois, mas segundo o princípio crato-onto-lógico da força do ser. Os deuses não se sucedem cronologicamente. Cada divindade é uma força do ser.

Quando nasce a tragédia, no século V, a problemática e a consciência do tempo atingem seu pleno desenvolvimento. Toda tragédia exprime uma filosofia do tempo. Romilly, comentado por Fernando Rey Puente, em seu livro **Ensaio sobre o tempo na filosofia antiga**, identifica dois estágios inerentes ao processo de personificação do tempo, na tragédia grega. No primeiro estágio, o tempo é visto como uma mera testemunha universal que observa, sem interferir, todos os acontecimentos da vida humana. Posteriormente, passa-se a atribuir ao tempo um papel causal, sendo visto como responsável por esses acontecimentos.

A tradição órfica também deixou alguns vestígios inegáveis na obra dos filósofos. Quando os órficos se referiam ao tempo como divindade, denominavam-no “tempo sem velhice”, expressando assim seu caráter imutável e eterno, por meio do prolongar-se indefinida e inalteradamente.

Muitos pré-socráticos sustentaram a tese de origem órfica de que a eternidade é constituída pela sucessão de ciclos cósmicos. Dentre esses

pensadores, podem ser citados Anaximandro, Empédocles e Heráclito. Anaximandro caracteriza o ilimitado (ápeiron) como os órficos caracterizavam o tempo, “sem velhice e incorruptível”, “imortal e indestrutível”. Em Heráclito, de modo um tanto obscuro, “o tempo/vida (aión) é criança brincando, jogando”. A criança não é outra senão Dionísio, que era, segundo os órficos, um menino.

Heráclito parece defender uma doutrina da identidade dos contrários, em que o que está em cima e o que está em baixo, o princípio e o fim, o vivo e o morto, os mortais e os imortais, são idênticos, pois tudo está em constante mutação, no cosmo, sendo obra de um fogo “sempre vivo”, que sempre foi, é e será. Heráclito concebe a infinitude temporal como eminente, cíclica, pensada como “a interminável sucessão de vicissitudes opostas”.

Esse movimento cíclico é explicado por Empédocles graças à existência de duas forças contrárias que governam todas as mutações: o amor que atrai e o ódio que separa. Destas duas forças antagônicas o “tempo infinito” jamais se livrará. A ideia básica desses três filósofos é a da existência de uma eternidade não pensada como pura e simples ausência de tempo, mas como um estender-se infinitamente no tempo.

Anaxágoras rejeita essa concepção e postula um “circundante infinito”, anterior ao cosmo e que emerge graças à ação do intelecto (noûs) “ilimitado e autônomo” e “sempre existente”.

Parmênides afirma a extra-temporalidade do ser que se constitui pela afirmação ontológica do presente do verbo ser (estín), em contraposição à irrealidade ontológica de seus tempos passado (ên) e futuro (éstai) dos quais a existência é negada.

Parmênides necessita, para pensar o ser eterno, ao menos da dimensão presente do tempo. Melisso de Samos diz que “nada que tem princípio e fim é eterno ou infinito” e o que é infinito deve necessariamente ser uno, pois se fossem dois, um limitaria o outro.

Os atomistas, em especial Leucipo e Demócrito, acreditam que “nada se engendra ao acaso, mas tudo a partir da razão e por necessidade”. Afastam-se da concepção cíclica da eternidade, postulando uma infinita cadeia causal dos eventos, tanto em direção ao passado quanto ao futuro. (cf. PUENTE, 2010, pp. 21-40).

Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, os três maiores poetas trágicos gregos, procuravam explicitar os efeitos do tempo na vida humana. Trabalhavam com uma concepção linear do tempo.

A ênfase de Platão e Aristóteles recaiu antes sobre o estudo da relação tempo/transcendência e o dos trágicos sobre a relação tempo/imanência. Na Idade Média, essa concepção do tempo foi compartilhada por realistas

(Alberto Magno, Sto. Tomás) e por nominalistas (Ockham).

Hobbes definiu o tempo como imagem (phantasma) do movimento, na medida em que imaginamos no movimento o antes e o depois, ou seja a sucessão. Descartes definia o tempo como número do movimento. Locke criticava a vinculação do tempo ao movimento, só para afirmar que ele está ligado a qualquer espécie de ordem constante e repetível.

Berkeley substituiu a ordem do movimento pela ordem das ideias, ou melhor, a ordem do movimento externo pela ordem do movimento interno. A concepção aristotélica do tempo fundamentou a mecânica de Newton, que distinguia o tempo absoluto e o tempo relativo, mas a ambos atribuiu ordem e uniformidade.

Leibniz também definiu o tempo como uma ordem de sucessões, definição aceita por Baumgarten e por Wolff. Kant reduz a ordem de sucessão à ordem causal. A série temporal não pode inverter-se, porque uma vez posto o estado precedente, o acontecimento deve seguir-se infalível e necessariamente. Portanto, é lei necessária de nossa sensibilidade, e consequentemente, condição formal de todas as percepções, que o tempo precedente determine necessariamente o seguinte.

Isso permite a distinção entre percepção real do tempo e imaginação, que poderia e pode inverter a ordem dos eventos, transformando a sucessão temporal em único critério empírico do efeito em relação à causalidade. Essa redução do tempo à ordem causal, defendida por Kant em relação ao conceito de tempo, dominante em sua época (derivada da física newtoniana) foi representada, em nossos dias, pela física einsteiniana. Ao afirmar a relatividade da medida temporal, Einstein, na realidade, não inovou o conceito tradicional do tempo como ordem de sucessão: só nougué que a ordem de sucessão fosse única e absoluta.

A ordem do tempo, a ordem do antes e do depois, é redutível à ordem causal. A inversão da ordem temporal para certos eventos, resultado que deriva da relatividade da simultaneidade, é apenas uma consequência desse fato fundamental.

Na filosofia moderna, Bergson contestou o conceito científico do tempo. Segundo ele, o tempo da ciência é espacializado, e, por isso, não tem nenhuma das características que a consciência lhe atribuiu.

A pergunta de Bergson é: a noção de tempo, usada pela ciência é utilizável pela consciência?

Bergson identifica a dimensão mental do tempo na concreta experiência do presente. "A evocação das lembranças dá-se no presente. O tempo como duração não é matematicamente circunscritível, confina com o passado e o futuro imediato. O passado imediato é a sensação, o futuro imediato é a ação." (NICOLA, 2005, p. 433).

Bergson insistiu na exigência de considerar o tempo vivido (a duração da consciência) como uma corrente fluída, na qual é impossível até distinguir estados, porque cada instante dela transpõe-se no outro em continuidade ininterrupta, como acontece com as cores do arco-íris. O tempo, como duração, possui duas características fundamentais: 1) é novidade absoluta, a cada instante, em virtude do que é um processo contínuo de criação; 2) conservação infalível e integral de todo o passado, em virtude do que age como uma bola de neve e continua crescendo à medida que caminha para o futuro.

Nietzsche propõe um problema: é possível mudar a percepção psicológica do transcorrer linear do tempo? Se assim fosse possível, se fosse possível viver como se tudo tivesse que retornar, a vida não seria mais uma cadeia de acontecimentos irreversíveis, a morte deixaria de ser o fim de tudo. Se o tempo tivesse uma estrutura cíclica, tudo se reapresentaria infinitas vezes, da mesma maneira. A perda do sentido linear e irreversível do tempo comportaria uma revolução na psicologia humana. O homem comum foge assustado da ideia do eterno retorno. O super-homem, porém, aceita-o com alegria.

Esse homem novo, qualitativamente superior, cheio de vontade de potência, que está além da racionalidade, despreza todo valor ético, vive num mundo dionisiaco, reconhece o engano inerente a todas as filosofias. (NICOLA, 2005, p. 416-19)

Para Husserl, o “tempo fenomenológico” também é duração, pertence a uma corrente infinita de vivências.

Heidegger transforma o tempo em estrutura da possibilidade. Na obra **Ser e tempo**, o título anuncia a identificação dos dois termos. Possibilidade ou projeção, o tempo é originalmente o *por-vir*. *Por-vir* não significa um *agora* que, ainda não tendo se tornado atual, algum dia o será, mas o advento em que o *ser-aí* vem a si, em seu *poder-ser* mais próprio.

O passado, como um *ter-sido*, é condicionado pelo *por-vir* porque, assim como são possibilidades autênticas aquelas que *já foram*, também *já foram* as possibilidades às quais o homem pode autenticamente retornar e de que ainda pode apropriar-se. Tanto o tempo *autêntico*, em que o *ser-aí* projeta sua própria possibilidade privilegiada, quanto o tempo *inautêntico*, que é o da existência banal, como sucessão infinita de instantes, ambos são o sobrevir do que a possibilidade projetada apresenta ao *ser-aí* (isto é, ao homem), portanto são um *apresentar-se*, a partir do futuro, daquilo que já foi no passado. (cf. NICOLA, 2005, verbete *tempo*)

A análise heideggeriana do tempo sem dúvida contém um grande com-

promisso metafísico, porquanto o tempo é considerado uma espécie de círculo, em que a perspectiva para o futuro é aquilo que já passou; por sua vez, o que já passou é a perspectiva para o futuro.

O tempo é frequentemente simbolizado pela Rosácea, pela Roda, com seu movimento giratório, pelos doze signos do zodíaco, que descrevem o ciclo da vida e, geralmente, por todas as figuras circulares.

O centro do círculo é, então, considerado como o aspecto imóvel do ser, o eixo que torna possível o movimento dos seres, embora oponha-se a este como a eternidade se opõe ao tempo. O que explica a definição agostiniana do tempo: imagem móvel da imóvel eternidade. Todo movimento toma forma circular, do momento em que se inscreve em uma curva evolutiva entre um começo e um fim e cai sob a possibilidade de uma medida, que não é outra senão a do tempo. Para tentar exorcizar a angústia e o efêmero, a relojoaria contemporânea não encontrou nada melhor, inconscientemente, que dar aos relógios e aos despertadores uma forma quadrada, em lugar da redonda, simbolizando, assim, a ilusão humana de escapar à roda inexorável e de dominar a terra, impondo-lhe a sua medida. O quadrado simboliza o espaço, a terra, a matéria. (cf. CHEVALIER e GHEERBRANT, 1992, verbete *tempo*).

A análise heideggeriana contém alguns elementos de interesse filosófico: 1) mudança do horizonte modal, passando-se da necessidade à possibilidade; 2) o princípio do futuro; 3) a relação entre passado e futuro, que Heidegger enrijeceu num círculo, pode ser facilmente dissolvida com a introdução da noção do possível. (cf. ABBAGNANO, 2000, verbete *tempo*). O enigma do tempo que, esfíngico, interpreta o homem, é o próprio homem, que formula o *quando*, a *oportunidade* radical que cinge o *amor* de ser e a *morte* do estar num mesmo mistério de *haver*. É em relação a este núcleo pensante e meditativo que apontam os *símbolos* na sua latência mais complexa, seja na luz da vida cotidiana, seja nessa radicalidade em que se adensa o mistério. Por isso é muito importante para a compreensão do tempo esta dimensão da *descoberta do humano*, o lema socrático que devolve do símbolo ao sujeito e lhe determina níveis de consciência e de experiência interior ainda desconhecidos.

A humanidade ainda não tem um saber do tempo. Temos de reconhecer nas perplexidades científicas acerca de um começo, ou de um processo alternativo sem fim, que o que está em causa, mais do que os limites da compreensão do universo, são os próprios limiares psíquicos e mentais de um acesso ao tempo na sua estrutura, não já *estruturada*, mas *estruturante*. Toda a linguagem filosófica sossobra, esquecendo o criativo puro, a *gênese das diferenças*, o que se poderia designar, retornando a intuições pitagóricas e à ancestral sabedoria egípcia, o *número de alma*, como a chave

que esta constitui, como vida ou tempo relacional de corpo e espírito, do homem e Deus, de objeto e sujeito, ritmo e respiração. (cf. LOGOS, v. 5, verbete *tempo*)



## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOGOS. **Enciclopédia Luso-brasileira de filosofia**. v. 5. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1992.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada da filosofia** – Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.

REY PUENTE, Fernando. **Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga**. São Paulo: Annablume, 2010.

---

A Autora é Graduada em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Graduada em Psicologia Clínica, Mestre em Teoria Literária e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Depois de lecionar no departamento em que se doutorou, a pesquisadora integra o Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da mesma instituição. Publicou A escritura de Clarice Lispector (Petrópolis: Vozes, 1979) e Clarice Lispector: a travessia do oposto (São Paulo: Annablume, 1993 – prêmio APCA de melhor ensaio). Escreveu, ainda, as notas de rodapé da Edição Crítica de A paixão segundo G.H. (Paris/Brasília/Florianópolis: Association Archives de La Littérature Latino-Américaine, des Caraïbes et Africaine Du XX Siècle/CNPq/UNESCO/Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988). Entre outros trabalhos, estão, ainda o livro de poemas Coisas caladas (Lorena: CCTA, 2005) e Arte e cultura no Vale do Paraíba (Lorena: CCTA, 1998), além de diversos artigos em revistas nacionais e estrangeiras.